



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

TÁBITA RODRIGUES DA SILVA

**OLHAR PSICOPEDAGÓGICO ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA
TEORIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E APRENDIZAGEM**

JOÃO PESSOA

2018

TÁBITA RODRIGUES DA SILVA

**OLHAR PSICOPEDAGÓGICO ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA
TEORIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à Coordenação do curso de Psicopedagogia, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicopedagogia.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Márcia Paiva de Oliveira

Orientadora

UFPB – Departamento de Psicopedagogia



Prof. Ms. Sandra Cristina Moraes de Souza

Examinadora

UFPB - Departamento de Ed. Básica

Artigo aprovado em: 14 de junho de 2018.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586o Silva, Tábita Rodrigues da.
OLHAR PSICOPEDAGÓGICO ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA
TEORIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E APRENDIZAGEM /
Tábita Rodrigues da Silva. - João Pessoa, 2018.
24f.

Orientação: Márcia Paiva de Oliveira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Inteligência Emocional Aprendizagem Psicopedagogia.
I. Oliveira, Márcia Paiva de. II. Título.

UFPB/BC

SILVA, Tábita Rodrigues da. **OLHAR PSICOPEDAGÓGICO ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E APRENDIZAGEM.** Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Psicopedagogia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

RESUMO

Esse artigo tem características de levantamento teórico, buscando analisar a exploração da inteligência emocional para a aquisição da aprendizagem, tendo a Psicopedagogia como pano de fundo. O tema em questão foi escolhido mediante a participação no cotidiano escolar, como estagiária, na rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa. Contudo, construímos uma abordagem na qual se apresenta, de maneira explícita, as dificuldades de concretização de tais ações de adoção da inteligência emocional no contexto escolar. Diante disso, apresenta-se como questão chave à discussão sobre **“quais os caminhos para a adoção efetiva da inteligência emocional para a aquisição da aprendizagem?”** O objetivo geral do estudo é conhecer a contribuição da teoria da inteligência emocional para a Psicopedagogia. Objetivos específicos: conhecer a relação entre a emoção e cognição; descrever os conceitos da teoria da inteligência emocional e sua contribuição na aprendizagem; discutir sobre como o psicopedagogo pode utilizar os construtos teórico da inteligência emocional. E, concomitantemente, refletir nas experiências exitosas existentes no âmbito escolar, que corroboram para uma cultura de adoção da exploração da inteligência emocional. Essa análise será de caráter exploratória, buscando em referências bibliográficas refletir as possibilidades e dificuldades no que diz respeito a possibilidade de uma efetivação de um trabalho que envolva a referida inteligência.

Palavras-Chave: Inteligência Emocional. Aprendizagem. Psicopedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo versa sobre o papel das emoções no processo de aprendizagem humana, mostrando como é importante que as pessoas envolvidas na educação conheçam os aspectos emocionais e como eles podem impactar na aprendizagem do indivíduo. O estudo aponta também as contribuições dos conceitos da teoria da inteligência emocional para a prática profissional da psicopedagogia, que podem ser efetivas se aplicadas à minimização de dificuldades de aprendizagem.

Estudos atuais sobre as emoções vêm revelando seu importante papel no que se refere ao funcionamento do cérebro e seus impactos nos processos cognitivos que refletem em nosso comportamento e processo de aprendizagem. Enquanto isso a teoria da inteligência emocional na abordagem de Daniel Goleman (2012) vem se apoiando nesses achados para embasar uma nova visão de sujeito como aprendiz e como pessoa de sucesso, fomentando assim outra perspectiva do sujeito que aprende e o que ensina dentro do contexto escolar, na qual o professor assumiria o papel de mediador do processo e o aprendiz ativo e consciente de sua função na sua própria aprendizagem.

A psicopedagogia é uma área que vem ganhando espaço na escola, e busca compreender de forma integral o sujeito em sua aprendizagem. Seria interessante enquanto área interdisciplinar explorar novas teorias que possam contribuir tanto no seu eixo teórico quanto na atuação prática. Assim partimos do pressuposto que a teoria da inteligência emocional trás conceitos e elementos capazes de auxiliar na área da educação bem como a psicopedagogia.

O interesse em pesquisar essa temática surgiu a partir da participação no estágio Supervisionado em Psicopedagogia, quando pude perceber de que pais e educadores parecem pouco interessados na relação dos aspectos emocionais dos seus filhos e alunos com processo de aprendizagem. O que ocorre é uma maior valorização dos aspectos cognitivos, o que pode ser observado quando o educador espera alto desempenho dos alunos em avaliações, e quando isso não ocorre existe uma dificuldade em compreender o que pode estar levando o aluno a ter baixo desempenho. Desconsiderando que os sentimentos frente às experiências de aprendizagem são tão importantes para o processo de aprendizagem quanto à aquisição desta.

Nesse sentido, vale questionar qual a contribuição da teoria inteligência emocional para a Psicopedagogia? Como os psicopedagogos das instituições escolares tem se apoderado desse construto para fazer frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Também, em

decorrência dessas reflexões, é imprescindível que os alunos acreditem em seu próprio potencial para aprender. Sendo assim, o educador não deve somente levar conteúdos e exigir boas notas, como se o resultado fosse confirmação de que o aluno aprendeu, mas é importante pensar num educador capaz de dar suporte e que conduza o aluno a encontrar em si recursos para aprender, levando em consideração seu perfil emocional.

Diante disso, apresenta-se como questão chave à discussão sobre “**quais os caminhos para a adoção efetiva da inteligência emocional para a aquisição da aprendizagem?**”.

Deste modo, o **objetivo geral** da pesquisa é conhecer a contribuição da teoria da Inteligência Emocional para a Psicopedagogia. **Objetivos específicos:** conhecer a relação entre a emoção e cognição; descrever os conceitos da teoria da inteligência emocional e sua contribuição na aprendizagem; discutir sobre como o psicopedagogo pode utilizar os conceitos da inteligência emocional.

Assim este trabalho se justifica por expandir as discussões da temática Inteligência Emocional para a área de estudos da psicopedagogia, tendo em vista que esse assunto se relaciona diretamente com seu objeto de estudo. Além disso, é relevante compreender por meio de estudos a contribuições da Teoria da IE (Inteligência Emocional) nos contextos de aprendizagem com vistas que profissionais da educação percebam novos caminhos capazes de auxiliá-los a enfrentar a complexidade do processo de aprendizagem.

2 EMOÇÕES E COGNIÇÃO: PROCESSOS QUE CAMINHAM LADO A LADO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Na história do estudo sobre o cérebro e a mente começa a ser evidenciado no século XIX, quando a sociedade científica de frenologistas liderada por Franz Joseph Gall e J.G. Spurzheim (entre 1810 e 1819) estabelecem a concepção localizacionista sobre o cérebro, pois, interpretavam que este possui regiões específicas para cada função como, por exemplo, a linguagem e percepção atuando como processos independentes. (GAZZANIGA, IVRY, MANGUN, 2006).

Em seguida essa visão sofre uma reformulação, dando lugar aos denominados associacionistas, na qual os pesquisadores Wernicke, Ludwing Lichteim, Jean Martin Charcot, entre outros, participavam desta concepção que passou a descentralizar a funções cognitivas, quando, por exemplo, Wernicke, ao estudar a linguagem observara que pacientes apesar de sofrer lesões em áreas importantes a seu funcionamento não a perdiam

completamente, evidenciando que elas estão associadas por fibras nervosas. (KRISTENSEN, ALMEIDA, GOMES, 2001, p.264).

No entanto é no século 21 que a área da neurociência é beneficiada pelos avanços tecnológicos através do uso de aparelhos de ressonância magnética e tomografia, que permitem o ver atuando com precisão. Trazendo assim grandes contribuições para o diagnóstico e tratamento de patologias mentais e neurológicas como, por exemplo, a depressão e o Alzheimer.

Em sua teoria dos marcadores somáticos, o pesquisador Antônio Damásio relata que funções como tomada de decisão e planejamento de longo prazo bem como a consequente realização dos planos, estão atrelados ao sistema de avaliação emocional. (DAMASIO apud NEWEN E ZINCK 2013, P.20) observa ainda que pessoas com problemas neurológicos no córtex pré-frontal fazem escolhas equivocadas e não conseguem se comportar de acordo com sua percepção racional, ficando clara a intervenção do sistema de avaliação emocional para a realização destas funções.

De acordo com Damásio (2000) as emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e de reagir de forma adaptativa, como por exemplo, correr quando vemos um animal perigoso (Lopes & lopes, 2011). A emoção surge como uma reação diante a um estímulo ambiental. O nosso corpo reage de forma muito rápida e nos prepara para uma ação ao estímulo.

Apesar de no passado terem sido estudados de forma isolada pelos cientistas a emoção e cognição caminham lado a lado. A maneira que percebemos o mundo possui o colorido das emoções. (ZAJONC apud GAZZANIGA E HEATHERTON 2005, p. 317) exemplifica bem isso, ele diz que não vemos simplesmente uma casa, vemos uma casa bonita, uma casa feia ou uma casa pretensiosa.

Além disso, a emoção tem um efeito direto que não depende de processos cognitivos. Gazzaniga e Heatherton (2005) exemplificam a seguinte situação, uma pessoa ao saber sobre um acidente de avião, pode decidir cancelar sua viagem, mesmo que essa informação não modifique suas crenças sobre a probabilidade de seu avião cair. Assim nosso julgamento dos fatos são fortemente influenciados por sentimentos correntes, e quando cognição e emoção estão em conflito, as emoções geralmente tem maior impacto sobre as decisões. (LOEWENSTEIN et al., 2001 apud GAZZANIGA E HEATHERTON, 2005, p.318)

Outros processos cognitivos também são dependentes de processos emocionais. Com isso o aprendizado é quase sempre mais fácil quando nos encontramos bem emocionalmente ou estamos afetivamente ligados àquele que nos ensina. Por outro lado sentimentos negativos

duradouros, decorrentes de distúrbios afetivos como a depressão ou estado de excitação exagerada (mania), afetam a sensibilidade geral e a capacidade cognitiva, que também se encontra deprimida ou excitada. (NEWEN E ZINCK, 2013, p.20).

No sentido em passamos a experimentar novas emoções junto às novas percepções de mundo, vamos aprendendo a expressá-las ou reprimi-las de acordo com as regras culturais do contexto que estamos. Entre as décadas de 1970 a 1980 os pesquisadores (EKMAN E FRIESEN apud BREALY, 2004) questionaram se existiam emoções inerentes a qualquer ser humano independente de sua cultura. Em resposta aos trabalhos, descobriram que pessoas ao redor do mundo reconhecem expressões faciais de felicidade, medo, raiva e tristeza, e denominaram estas de emoções básicas do ser humano.

As chamadas emoções básicas independem do processo mental consciente, possibilitando, assim um rápido direcionamento da atenção (NEWEN E ZINCK 2013, p.17). Estas emoções parecem estar ligadas ao relógio biológico de maturação neurológica, e o seu repertório parece ser universal, porém existem variações culturais no que se refere às formas de manifestá-las. Como por exemplo: uma cultura pode desencorajar a demonstração de raiva e medo nas crianças. (BROUDE, 1995 apud PAPALIA, OLDS E FELDMAN, pg. 234). Então o papel da cultura parece estar relacionado na repressão ou aceitação das emoções, e isso está diretamente ligado a valores compartilhados entre os indivíduos da sociedade.

As emoções básicas designam nossas reações necessárias para superar desafios fundamentais da vida. O medo é caracterizado pela sensação de insegurança, acompanhado de um pressentimento de algo desagradável estar para acontecer, isso faz com que o corpo se prepare para a fuga, alguns sinais: ritmo cardíaco acelerado, rosto pálido e corpo gélido.

A felicidade proporciona a sensação de bem estar e contentamento, que podem ocorrer por diversos motivos, exemplo ao viver uma situação em que uma expectativa particular é realizada gerando a sensação de satisfação pessoal.

A raiva é uma emoção poderosa que pode levar a ações agressivas e impensadas, reação decorrente de uma frustração, em que o sistema límbico lança na corrente sanguínea os hormônios de adrenalina e cortisol, e se constantes levam ao estado de estresse.

A tristeza é um sentimento caracterizado por um estado de desânimo, provocada por diversos motivos, porém costuma aparecer depois que o indivíduo experimenta decepções, ilusões amorosas, perdas etc., o que pode levar que as pessoas se afastem do convívio social e perca a vontade de realizar atividades rotineiras.

Deste modo, as emoções podem atuar restringindo ou facilitando como aprendemos, mas quando compreendemos como elas nos dominam saímos de uma posição passiva e fica mais fácil usar nossos recursos para exercer nossa capacidade de autogestão.

2.1 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E APRENDIZAGEM

A Psicologia Experimental inicia estudos acerca da inteligência no fim do século XIX, sendo esta caracterizada por diferenças individuais, e passíveis de ser medida. Em 1905 o francês Alfred Binet e Simon publicaram uma escala métrica da inteligência relacionada ao desempenho acadêmico, consistindo numa série de problemas e tarefas que um aluno conseguiria resolver. Assim obtinham um índice na qual chamaram de idade mental. (NUNES e SILVEIRA, 2009, p.126).

Divergindo dessa concepção, surgem as teorias de Piaget e Vygotsky, na qual compreendem a inteligência como um processo dinâmico e construído na interação do sujeito e da cultura com seus sistemas simbólicos. (NUNES e SILVEIRA, 2009, p.128).

Nesta perspectiva, Gardner acredita que a concepção tradicional baseada nos testes de QI é de caráter unidimensional, que serve para classificar e massificar os alunos a partir de atividades curriculares e avaliações homogeneizantes. Ele ainda diz que se trata de saber apenas sobre as habilidades de raciocínio lógico matemático. (NUNES E SILVEIRA, 2009, p.130).

Deste modo, (GARDNER apud NUNES E SILVEIRA, 2009) em sua teoria das Inteligências Múltiplas, enumera a existência de oito tipos de inteligência. E dentre elas, aponta a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal, a primeira é compreendida como a capacidade de se relacionar empaticamente com o outro, a exemplo da liderança e mediação na resolução de conflitos. Em segundo trata-se de saber lidar consigo mesmo, compreendendo as próprias motivações e emoções, de modo que as dirija eficientemente na realização de objetivos pessoais.

Historicamente o desenvolvimento da inteligência emocional caminha lado a lado com a educação afetiva. Esse movimento se apoiou na psicologia da aprendizagem já falava a respeito da importância da motivação intrínseca buscando compreender o que motiva as pessoas a aprender, e como isto pode ser provocado no ambiente conduzindo o aluno na construção de um sentido positivo ou negativo ao que ocorre em seu processo de

aprendizagem. Esse processo de dar sentido envolve suas crenças e seu aprendizado emocional, seus registros emocionais, temperamento entre outros elementos.

O primeiro conceito de inteligência emocional foi formulado pelos psicólogos Peter Salovey e Jonh Mayer em 1990. Nesse momento surge o QE (coeficiente emocional) como abreviação do termo IE (inteligência emocional). A IE surge num contexto em que vigorava a famosa concepção de inteligência baseada na medição dos testes de QI (coeficiente intelectual). Um considerado pesquisador da inteligência emocional Daniel Goleman, se distancia dessa visão tradicional, e defende que existem dois tipos de inteligência, uma de natureza racional e outra emocional, considera ainda que não há uma hierarquia capaz de sobrepor uma a outra e classificar em melhor ou pior, porém elas se complementam. Nunes e Silveira (2009).

A inteligência emocional é “a habilidade de gerir as emoções de modo que sejam expressas de forma adequada e efetiva, permitindo às pessoas trabalhar de maneira coordenada em torno dos objetivos comuns”, para ele, seria uma forma de lidarmos com a vida, utilizando a inteligência, não em termos de QI, mas de qualidades afetivas. (GOLEMAN, apud RÊGO E ROCHA 2009).

Nesta perspectiva, Brealy conceitua a inteligência emocional como capacidade de controlar e usar a força de nossas emoções para maximizar nossa eficácia potencial e pessoal. Compreendendo que nossa inteligência emocional é adquirida, pois não nascemos otimistas ou com uma autoestima alta, mas aprendemos isso com a experiência e com a associação, até ela tornar-se nossa “segunda” natureza. (BREALLY 2004, p. 65).

A inteligência emocional foi assim dividida em quatro aspectos descritos por Goleman: **a autoconsciência**, que significa compreensão do sujeito das próprias emoções, possibilidades, limites, valores e motivações; **autogestão** ou capacidade de gerenciamento das próprias emoções, em forma de contínuo diálogo interno, para clareza mental; **consciência social**, como a capacidade de perceber o que se passa com o outro; **administração de relacionamentos**, ao saber lidar com as emoções alheias, a partir da consciência de suas próprias emoções. (GOLEMAN, apud RÊGO E ROCHA 2009, p. 142).

Como características de pessoas que têm a educação emocional desenvolvida, (GOLEMAN, apud RÊGO E ROCHA 2009, p. 142) destaca, entre elas: capacidade do líder em organizar grupos ou rede de pessoas, talento que se vê em diretores e chefes de organizações; capacidade do mediador que negocia soluções e acordos, evitando conflitos e disputas, talentos dos diplomatas, árbitros ou gerentes, entre outros; domínio da arte do bom relacionamento, que facilitam o conviver das famílias, amigos e colegas de trabalho;

capacidade para análise social, a partir dos sentimentos e preocupações das pessoas, talentos reconhecidos, principalmente, nos terapeutas, conselheiros, líderes naturais e escritores.

No entanto Goleman (2012) esclarece que a inteligência emocional tem um destaque em situações nas quais o intelecto é relativamente menos relevante para o sucesso, enquanto habilidades como, por exemplo, autocontrole emocional e empatia passam a ser mais valiosas. Assim ele valoriza os aspectos afetivos que ficam muitas vezes em segundo plano quando o assunto é o status do sucesso na nossa cultura atual.

Goleman (2012) se apoia em estudos para exemplificar que as emoções são poderosas sob o processo cognitivo. Evidenciando por exemplo, que a alta ansiedade está atrelada ao baixo desempenho. Mostrando que pessoas ansiosas possuem maior probabilidade de falhar, ainda que tenham pontuações superiores em testes de inteligência. A ansiedade também sabota todos os tipos de desempenho acadêmico: 126 diferentes estudos com mais de 36 mil pessoas constataram que, quanto mais a pessoa é propensa a preocupações, mais fraco é o seu desempenho acadêmico, não importa qual a espécie de medição, notas em prova, média de pontos ou testes de rendimento. (GOLEMAN, 2012, p.106)

A pontuação do QI prognostica muito bem se podemos arcar com os desafios cognitivos que uma determinada posição nos oferece. Porém o QI cai por terra quando a questão é prognosticar quem, em meio a um grupo talentoso de candidatos dentro de uma profissão que intelectualmente exigente qual seria o melhor líder. (GOLEMAN, 2012 p. 14).

Enquanto a inteligência emocional determina nosso potencial para aprender os fundamentos do autodomínio e afins, nossa competência emocional mostra o quanto desse potencial dominamos de maneira que ele se traduza em capacidades profissionais. Mas as competências emocionais são habilidades aprendidas: o fato de uma pessoa possuir consciência social e aptidão para gerenciar relacionamentos não garante que ela tenha dominado o aprendizado adicional necessário para lidar com o cliente a contento ou resolver um conflito. Essa pessoa apenas tem o potencial de se tornar hábil nessas competências. Novamente uma habilidade de que se faz necessária, embora não seja suficiente, para manifestar uma determinada competência ou aptidão profissional. Assim uma pessoa pode ser muito empática, mas péssima em lidar com clientes, ou um aluno possuir excelentes habilidades espaciais porém ter dificuldade em aprender geometria, quanto mais ser arquiteto. (GOLEMAN, 2012, p. 15).

Assim, Goleman (2012) trás uma nova visão sobre ser uma pessoa de sucesso, afirma que muito mais do que ter bons resultados em provas acadêmicas, ele diz que não são aquelas

que conseguem boas notas, não são estudantes exemplares, que conseguem se sobressair em termos cognitivos, mas pessoas de sucesso são aquelas que em meio a situações de cobrança e pressão conseguem utilizar seus recursos da forma mais eficiente possível, movendo todo seu potencial na realização de seus objetivos.

Atitudes, costumes e crenças tornam-se os resultados observáveis da inteligência emocional. Eles se tornam o ponto no qual os alunos vivem os benefícios de um programa de inteligência emocional. (BREALY 2004, p. 93). A avaliação da inteligência emocional se preocupa com o desenvolvimento de suas habilidades de autoconsciência e auto revisão para que cada aluno individual possa determinar o progresso obtido.

De acordo com Brealy (2004) uma forma de estimular o desenvolvimento do raciocínio do QE na sala de aula, seria fazendo perguntas utilizando o como, por exemplo, como se sente, como se aprende, desta forma iria o professor iria guiar seus alunos a pensar de diferentes maneiras saindo do foco no que se deve aprender, mas no como aprendemos, e também a pensar de forma associativa que é o QE, no entanto isso favoreceria pra que os dois estilos QI (pensamento em série) e o QE (raciocínio associativo) se unam de forma equilibrada. (BREALY 2004, p. 59).

O raciocínio em serie é o tipo medido pelos testes de QI e dependem do funcionamento adequado dos neurônios de cada um dos lados do cérebro, e por esse mecanismo pode-se utilizar a estratégia da repetição, por outro lado o raciocínio do QE nos possibilita fazer associações entre tipos diferentes de estímulos e assim desenvolver um comportamento inteligente de sustentação, porque esse tipo de raciocínio esta centrado no sistema límbico do cérebro, que é seu centro emocional, sendo por ele que o aprendizado pela experiência, a emoção se torna a força propulsora do funcionamento do cérebro. (BREALY, 2004, p. 60).

2.2 PSICOPEDAGOGIA

Diante do exposto no capítulo 1 e 2, vale ressaltar que a teoria da inteligência emocional trás estratégias que podem ser aplicadas no contexto escolar com vistas tentar trabalhar o lado afetivo ou emocional das crianças, aspecto esse que fica muitas vezes esquecido. Favorece ainda na mudança do habito em ver as avaliações como se não fossem resultados de um processo. Reflete também como esse tradicionalismo ligado ao QI e as avaliações podem estar prejudicando o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, a psicopedagogia se beneficia com os construtos dessa teoria, especialmente no contexto escolar. Pois em meio ao crescimento das escolas e ao estabelecido

direito de frequentá-la, as dificuldades de aprendizagem ficaram mais aparentes, e ao ver a carência de profissionais para atender essas dificuldades, e devido à ineficiência de práticas efetivas surge a psicopedagogia com uma intersecção da psicologia e pedagogia, como área de conhecimento de caráter interdisciplinar.

A psicopedagogia nasce no século XIX na França, como um movimento de colaboração entre educadores, filósofos e médicos preocupados em ajudar as crianças que apresentavam dificuldades para aprender. Entre esses podemos citar Pestalozzi, Itard, Pereire e outros. (OLIVEIRA, 2007, p. 9)

A partir da década de 60, a categoria profissional dos psicopedagogos começa a crescer, buscando, a princípio as causas do fracasso escolar, por meio da sondagem de aspectos do desenvolvimento físico e psicológico. Nessa época psicopedagogos viam esses problemas como consequência de disfunções psiconeurológicas.

Portanto, a Psicopedagogia surgiu da necessidade de atendimento às crianças com problemas de aprendizagem, numa fronteira entre a psicologia e a pedagogia. Muitos autores concordam que essa é uma área que estuda a aprendizagem humana, numa abordagem preventiva e curativa (CABUSSU, 2009).

Sob esse prisma, a Psicopedagogia engloba conhecimentos específicos de diversas áreas, especialmente saúde e ciências humanas, sendo as principais as seguintes: Psicanálise, Psicologia Social, Psicologia Genética, Linguística, Pedagogia e Neuropsicologia (CABUSSU, 2009). A esse respeito, Bossa (2011, p. 63) enfatiza que, “[...] a Psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os”. Nesse sentido, destaca-se que:

A problemática da aprendizagem, campo e objeto de estudo da psicopedagogia procura justamente deslindar ‘por que e como’ uma criança que nasce com uma herança genética que a impele de ir em busca do conhecimento, chega muitas vezes a se inibir, se enrijecer, se fechar ou se desorganizar frente ao meio (CARVALHO, 2010, p. 19).

O objeto central da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento (BOSSA, 2011).

A intervenção do psicopedagogo pode ser de forma preventiva, a qual detecta as dificuldades e promove sugestões metodológicas, orientação vocacional, educacional e

ocupacional ou de forma terapêutica. Seja em escolas, identificando alunos com dificuldades ou em hospitais, elaborando diagnósticos das pessoas internadas (BOSSA, 2011).

O psicopedagogo, por estar na escola enfrentando o desafio de lidar com os principais problemas que envolvem o aprendizado, tende a introduzir a ideia da interdisciplinaridade nas escolas. Pois, esses podem ter a liberdade de introduzir essa ideia na equipe de professores, gestores, funcionários da escola, com o intuito de favorecer esse processo, sendo mediador na construção de um diálogo entre elementos a serem trabalhados em conjunto com o corpo escolar, sociedade e família.

Ainda na escola o psicopedagogo se beneficia da interdisciplinaridade por ser uma categoria de ação, podendo auxiliar nas áreas como planejamento educacional, assessoramento pedagógico, onde se inclui principalmente a formação continuada de professores, colabora na elaboração de planos educacionais, atuando numa modalidade cujo caráter é eminentemente transformador.

Assim, o psicopedagogo compreende que a construção da subjetividade humana é um processo contínuo e permanente. Nossa aprendizagem acontece quando, diante do novo e do desconhecido, nos posicionamos de forma aberta e receptiva. Mas para que isso ocorra é preciso estar motivado e desejoso de assimilar novas informações para transformá-las em conhecimento, nos apropriando de seus conteúdos e, com isso, elaboramos construções de novos saberes. (BEAUCLAIR, 2007, p.21).

Observamos também que o psicopedagogo vai à escola para contribuir com a aprendizagem significativa, com a socialização do conhecimento e a consciência de que somos eternos aprendizes, valorizando as diferenças não de forma passiva, mas buscando uma maior coerência entre o que pensamos ser um aluno de sucesso e o que é ser um aluno fracassado. Sendo importante não querer homogeneizar os alunos.

Deste modo, Breal (2004) enfatiza que o aprendizado de poucas pessoas é limitado ao ponto de seu desempenho atual por causa da capacidade de seu cérebro. O desempenho deles é limitado pelo fato de como acreditam poder usar o que têm, e isso pode mudar. Além disso, acredita num sujeito ativo em seu próprio aprender, promovendo a autonomia, preocupando-se mais no como aprender e menos no porque não aprender.

Portanto o psicopedagogo pode ainda auxiliar na construção de uma nova visão sobre o que é ser um aluno de sucesso. Lembrando que “Atualmente fracassar na escola é ser visto como insucesso na vida. O psicopedagogo ajuda numa perspectiva de valorizar as diferenças, buscando compreendê-las e não excluí-las, tendo em vista que todos podemos ser úteis em diferentes contextos atividades e habilidades particulares”. (RUBINSTEIN, 2007, p. 42).

3 METODOLOGIA

Delineamento

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, referente a um levantamento bibliográfico.

Critérios de escolha

Empregou-se para seleção de bases de dados: livros, Google acadêmico e Scielo. Utilizaram-se apenas livros e artigos referentes a temática, escritos em língua portuguesa, publicações dos últimos 14 anos; e as palavras-chave utilizadas nos buscadores foram as seguintes: aprendizagem, emoções, Inteligência emocional, e psicopedagogia. Foram encontrados apenas 3 artigos que preencheram esses critérios, por isso, a pouca quantidade de referencias a temática, mas nada que prejudica-se o estudo em questão.

Procedimento

Na pesquisa iniciada no mês de fevereiro o foco foi vídeos e publicações da internet que pudessem servir de contato inicial com a temática a ser estudada; em seguida no mês de Março o foco ficou sobre a leitura do livro: Inteligência Emocional do autor Daniel Goleman, esse foi o momento de conhecer a Teoria contada pelo seu próprio autor; ainda nesta fase ocorreu a leitura do capítulo correspondente ao desenvolvimento emocional do livro, Desenvolvimento Humano, dos autores Diane E. Papalia. No mês de abril o foco foi redirecionado para o levantamento de artigos publicados no Google Acadêmico e Scielo que abordassem de forma científica a temática escolhida, neste tempo tivemos acesso a apenas 3 artigos obtidos no Google acadêmico que se encaixavam nos critérios supracitados, são eles: Atuação psicopedagógica institucional através da educação emocional; A inteligência emocional e sua contribuição para o processo ensino aprendizagem, um olhar psicopedagógico no colégio estadual militar; uma visão psicopedagógica sobre as emoções e o processo de aquisição do conhecimento. E o livro: Inteligência Emocional, do autor Daniel Goleman. Por fim, no mês de maio, finalizamos o levantamento do material teórico nos debruçando em livros que falassem acerca da inteligência emocional na prática, utilizou-se o livro Inteligência emocional na sala de aula, do autor Michael Brearley. Portanto, a pesquisa contou com o estudo de três (3) artigos e três (3) livros.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do todo exposto até aqui, cabe-nos agora a tarefa de tecer discussão a forma como a temática foi abordada neste trabalho. Visando uma melhor sistematização do conteúdo construído, iremos dividir essa parte em três grandes tópicos por acreditar que assim ficarão mais bem apresentadas as informações produzidas por este estudo. Os tópicos serão dispostos da seguinte maneira: **resultados e discussão sobre emoções, cognição e aprendizagem; resultados e discussão sobre a teoria da inteligência emocional e aprendizagem** e por fim **resultados e discussão sobre a relação da teoria da Inteligência emocional com a psicopedagogia.**

Resultados e Discussão sobre as emoções, cognição e aprendizagem

Foram apresentados alguns saberes sobre as emoções, pontuamos algumas das suas principais características entre elas esta motivar nosso comportamento em direção a suprir nossas necessidades de sobrevivência, adaptação e aprendizado. Compreendemos que existem emoções básicas inerentes a qualquer ser humano independente de sua cultura são elas medo, raiva, alegria e tristeza. Estas se configuram como essenciais para o desenvolvimento emocional do individuo, uma vez que emoções mais complexas nascem das emoções primárias. Foi visto também que a influência da cultura sobre as emoções esta relacionada a direcionar quando e como expressar nossas emoções.

Os processos emocionais não ocorrem em separado da cognição, nossa atenção, memória, pensamento e tomada de decisão sofrem forte influencia da emoção, e isso ocorre de modo inconsciente. Apesar de tão importantes podemos observar que muitas vezes não lhe damos a devida atenção por estarmos preocupadas com outras tarefas do dia a dia. O que contribui para efetivar o conhecimento de como as emoções afetam nosso aprendizado é o uso de alta tecnologia nas pesquisas empíricas, como exemplo, aparelhos de ressonância magnética que permite ver as reações emocionais ocorrendo no momento em que as sentimos, ficando comprovado o que já se acreditava anteriormente com o movimento da educação afetiva, na qual pensava que o impulso pra aprender dependia de estados emocionais que impulsionassem de dentro pra fora mas que deveriam ser estimulados por uma relação ensino-aprendizagem baseado no afeto.

O fato é que emoções também atendem a certo padrão de normalidade, em que apesar de necessárias e boas, se em excesso pode nos levar ao desequilíbrio não só a nível

psicológico mas também afetam o funcionamento do nosso corpo. Quando nos sentimos deprimidos o nosso corpo todo e principalmente o cérebro e as funções cognitivas também se tornam deprimidas. Portanto em meio a uma cultura que valoriza mais os aspectos cognitivos pode estar contribuindo para que pessoas se tornem mais ansiosas em meio a cobranças e expectativas com relação a nosso lugar no mundo. Observa-se que a escola tem repassado e cooperado na continuação dessa cultura. Visto por exemplo, que nessas instituições o sistema de educação esta baseado em processos que avaliam o aprendizado por meio de testes que medem a capacidade cognitiva das crianças.

Assim, vale refletir sobre a questão de como introduzir elementos da teoria emocional nas escolas, pois se subentende que ela por meio de sua abordagem humanizada de ensino, poderia favorecer a um equilíbrio entre os aspectos emocionais e cognitivos dos aluno. É interessante lembrar que isto já esta dando resultados em países que abraçaram a inteligência emocional no contexto escolar, e estes programas ajudam as crianças no desenvolvimento de habilidades que a teoria pressupõe como básicas para que nos tornemos pessoas mais capazes de enfrentar as adversidades tanto no processo de aprendizagem quanto nas mais diversas situações da vida.

Em estudos futuros que se possam avaliar melhor na pratica essa abordagem, entendendo que pra colher os frutos é preciso plantar. Que mais estudos dessa abordagem na área da educação e da psicopedagogia venham vigorar tentando somar os conhecimentos.

Resultados e Discussão sobre Inteligência emocional e aprendizagem

Foi apresentado que a teoria da inteligência emocional busca conseguir um equilíbrio entre uma visão dos aspectos cognitivos do sujeito e seus aspectos emocionais, se baseando nas pesquisas atuais sobre as emoções, cujo os resultados indicam que elas tem grande influência sobre os nossos desempenhos e comportamentos. A teoria abrange questões como a dinâmica das relações interpessoais e intrapessoais, considerando o quanto é importante que através das chamadas competências emocionais como empatia e autogestão, possamos melhorar nossos relacionamentos e autoconhecimento, a fim de obter melhores resultados para os nossos objetivos pessoais, sem esquecer valores como respeito, altruísmo entre outros. No contexto da educação essa teoria tem contribuído pra ajudar os alunos em seus aprendizados e os professores enquanto mediadores desse processo. Ajudando-nos a tirar o foco dos resultados que podemos observar, porém nos preocupar com o lado subjetivo das

peças em seus processos de aprendizagem. Além disso, nos ajuda a tirar o foco dos resultados e concentrar no processo de aprendizagem.

Também em decorrência a reflexão de que é imprescindível que os alunos acreditem em seu próprio potencial para aprender, assim o educador não deve somente levar conteúdos e exigir boas notas, como se o resultado fosse confirmação de que o aluno aprendeu, mas é importante pensar num educador capaz de dar suporte e que conduza o aluno a encontrar em si recursos pra aprender, levando em consideração seu perfil emocional. No entanto a teoria da inteligência emocional vem trazer conceitos que se acredita ser mais um recurso facilitador da aprendizagem. Que pode ser aplicado à educação e também ampliado as mais diversas situações. A inteligência emocional no coletivo pressupõe que também é algo passível de ser aprendido.

Resultados e Discussão da Inteligência Emocional para a Psicopedagogia

Foi obtido que a psicopedagogia é uma área aberta a discussões deste nível de pesquisa por ter como característica o estudo dos processos de aprendizagem em abordagem interdisciplinar, em que se buscam relacionar conhecimentos de diferentes áreas. Utiliza-se em sua visão do sujeito global, na qual considera relevante seus aspectos intrínsecos e extrínsecos, sejam eles com relação a sua dimensão racional, cognitiva, emocional, social e biológica.

Visto que o psicopedagogo busca trabalhar com esse sujeito da forma mais abrangente possível no intuito de sanar dificuldades no âmbito clínico ou como preventivo nas instituições. Ressaltamos ainda que os estudos na psicopedagogia apontam para uma nova visão acerca do fracasso escolar, que ao ser analisado evidencia que esta relacionada à ideia de aluno de sucesso, e mais ainda como pessoa de sucesso na vida, e que os que estão fora desse status acabam sendo estigmatizados em suas capacidades. Ela também se apoia na ideia de sujeito ativo em seu aprendizado, aquele que busca saber e enfrenta os desafios para chegar lá, e assim como a vida do sujeito ela é contínua e em permanente construção.

Os resultados apresentam indícios de que a teoria da inteligência emocional pode contribuir na área da educação, área em que os psicopedagogos estão envolvidos, estimulando a não esquecer que os aspectos emocionais, para o desempenho do sujeito, seus comportamentos frente às estratégias de aprendizagem. compreendendo que as emoções são a base que nos faz estar mais receptivos para receber as novidades da sala de aula e na vida.

Então olhar para os aspectos emocionais irão favorecer a prática psicopedagógica no que se refere a obter uma avaliação de histórico de vida que não foque apenas em questões biológicas, ou do seu âmbito escolar, familiar, mas em como ele se sente nesses ambientes, uma visão mais clara de como compreender a influência de seus sentimentos em cada vivência desse sujeito e como isso vem afetando seu processo de aprendizagem. E não desprezar em suas estratégias o encorajamento da crença desse sujeito em suas próprias potencialidades, auxiliando ele a acreditar em si mesmo e a usar seus recursos como ativo em seu processo, promovendo o autoconhecimento, que é um aspecto fundamental no aprendizado da inteligência emocional.

Apesar de a teoria estar trazendo resultados promissores, e ter ganhado espaço nas áreas de treinamento profissional. A psicopedagogia ainda não se abriu a explorar teorias como a da inteligência emocional e de Gardner que falam sobre a inteligência fora da visão tradicional e unidimensional. Que isso seja um estímulo para que no curso de psicopedagogia pioneiro da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) possamos explorar a aplicabilidade dessa teoria. Devido à vivência no curso de psicopedagogia acreditamos que procurar conhecer teorias pouco estudadas a exemplo da Inteligência Emocional, pode ser de grande auxílio com a prática profissional do psicopedagogo tanto na instituição quanto na clínica. E por fim, desejamos que essa tentativa em aproximar os conceitos da teoria da inteligência emocional ao estudo da aprendizagem e conseqüentemente as dificuldades que surgem nesse processo venham a reverberar na área da psicopedagogia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de esse estudo ser de caráter introdutório em relação à temática e ter enfrentado algumas dificuldades como, por exemplo, pouco tempo de estudo, pouco tempo de análise, falta de estudos anteriores, e etc. Acreditamos ter conseguido atingir o objetivo geral ao conhecermos as contribuições da teoria da inteligência emocional para a psicopedagogia.

Bem como aprendemos com esse levantamento teórico, de modo a enriquecer nosso conhecimento e nossa prática enquanto estudantes e futuros profissionais da psicopedagogia. Pretendemos ainda que o estudo possa contribuir pra área da educação, inspirando ao conhecimento maior e melhor o ser humano, com o qual trabalhamos.

Importa enfatizar e compreender que falar de emoções significa expor também nossa humanidade e, conseqüentemente, implica em reconhecer nossas fraquezas, também Fortalezas, mas que isso não seja barreira, mas sim um ponto que possa gerar mais amor em nossas interações com o outro.

PSYCHOPEDAGOGICAL LOOK ON THE CONTRIBUTIONS OF THE THEORY OF
EMOTIONAL INTELLIGENCE AND LEARNING.

ABSTRACT: This article has the characteristics of a theoretical survey, seeking to analyze the exploration of emotional intelligence for the acquisition of learning, with Psychopedagogy as the background. The theme in question was chosen through the participation in the school routine, as a trainee, in the municipal teaching network of the city of João Pessoa. However, we have constructed an approach that explicitly presents the difficulties of implementing such actions for the adoption of emotional intelligence in the school context. In view of this, it is a key issue for the discussion on "what are the ways to effectively adopt emotional intelligence to acquire learning?" The general objective of the study is to know the contribution of emotional intelligence theory to psychopedagogy. Specific objectives: to know the relationship between emotion and cognition; describe the concepts of emotional intelligence theory and its contribution to learning; discuss how the psycho-pedagogue can use the theoretical constructs of emotional intelligence. And, at the same time, reflect on the successful experiences in school, which corroborate a culture of adopting the exploration of emotional intelligence. This analysis will be of an exploratory nature, searching in bibliographical references to reflect the possibilities and difficulties with regard to the possibility of an effective work that involves said intelligence.

Keywords: Emotional intelligence. Learning. Psychopedagogy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, B. R. **A inteligência emocional e sua contribuição para o processo ensino-aprendizagem, um olhar psicopedagógico no Colégio Estadual Militar.** XI Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no Estado de Roraima – SNCT-RR. 2016.
- BARROS, V. Família, Escola e o Nascimento da Psicopedagogia. **Psique, Ciência & Vida especial**, São Paulo, Escala, nº2, ano I.
- BEAUCLAIR, J. Subjetividade em Educação. **Revista Ciência e Vida Psique.** Edição Especial Psicopedagogia. Editora Escala, ano 1 número2. São Paulo, 2007, p.18-23.)
- BREARLY, M. **Inteligência emocional na sala de aula: Estratégias de aprendizado criativo para alunos entre 11 e 18 anos de idade.** São Paulo: Madras, 2004. Edição Especial Psicopedagogia. Editora Escala, ano 1 número2. São Paulo, 2007, p.18-23.)
- BOSSA, N. A. A. **Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CABUSSU, Maria Arminda S. Tutti. Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. In: **Rev. psicopedag.** Vol. 26, n.81.2009.
- CARVALHO, Rosita E. **Escola Inclusiva:** a reorganização do trabalho pedagógico. Porto alegre: Mediação, 2010.
- GASPARIAN, M. C. C. Interdisciplinaridade: participação de todos. **Revista Ciência e Vida Psique.** Edição Especial Psicopedagogia. Editora Escala, ano 1 número2. São Paulo, 2007, p.24-27.)
- GAZZANIGA, M. S., HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica mente, cérebro e comportamento.** Artmed, 2005.
- GAZZANIGA, M. S., MANGUN, G. R., IVRY, R. B. **Neurociência Cognitiva.** Artmed, 2006.
- GOLEMAN, D. 2012, **Inteligência emocional a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Rio de janeiro, editora objetiva, 2012.
- KRISTENSEN, C. H., ALMEIDA, R. M., GOMES, W. B. **Desenvolvimento Histórico e Fundamentos Metodológicos da Neuropsicologia Cognitiva.** In: **Rev. Psicologia: Reflexão e crítica.** Vol. 14, n.2.2001.
- MOCHI, A. M. **Atuação psicopedagógica institucional através da educação emocional,** CURITBA. 2009

NEWEN, A.; ZINCK, A. **O desafio das emoções, biblioteca mente e cérebro**, duetto editorial, São Paulo, biblioteca mente e cérebro; v.5, 2013.

NUNES, A. I. B. L. N.; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber, 2009.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Carla Filomena Marques. 10ªed. Porto Alegre: AMGH, 2010

RÊGO, C. C. A. B.; ROCHA, N. M. F. **Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula**, ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., rio de janeiro, v. 17, n.62, p. 135-152 jan./mar. 2009

RUBINSTEIN, E. Em busca dos responsáveis. **Revista Ciência e Vida Psique**. Edição Especial Psicopedagogia. Editora Escala, ano 1 número2. São Paulo, 2007, p.38-47.)

SCOZ, B. **psicopedagogia e realidade escolar**. editora vozes, Petrópolis, RJ. 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, eterno pai amoroso, por guiar minha vida e me direcionar até o curso de psicopedagogia, e também por estar me transformando em uma pessoa melhor a cada dia. A Jesus, meu eterno mestre e amigo por estar sempre a me ensinar e amar.

A toda minha família, mãe Suely por estar sempre comigo, meus irmãos Luiz Eduardo e Aline Dulce por alegrarem minha vida, a minha grande irmã Tatiana Rodrigues e em especial ao meu pai Luiz Claudio, que sempre me motivou a buscar o conhecimento e compartilhou os seus saberes comigo.

Agradeço a todos os professores do curso em especial a professora orientadora Márcia Paiva, que me abraçou com sua humanidade e sensibilidade, no auxílio a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus amigos conhecidos no curso e que levo para sempre em meu coração. São eles Ana Raquel Flores, Danielle dos Santos, Daniel Melo, Hayanna Gomes, Janielly Fernandes, Jéssica Vanessa, Luana Fernandes, Stefány Targino, e Thais Oliveira.